

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

CORPA-PENSAMENTO NA PÓS-GRADUAÇÃO: AGENCIAMENTOS NA CONSTRUÇÃO DE SABERES E PRÁTICAS NA ORIENTAÇÃO EM RODA COM MULHERES NA ÁREA DA SAÚDE

Maria Luisa Jimenez, Kathleen Teresa da Cruz, Maria Paula Cerqueira Gomes

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.7195>

Submetido em: 2023-10-17

Postado em: 2023-11-01 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o endosso de:

Laura Feuerwerker (ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6237-6167>)

ARTIGO

**CORPA-PENSAMENTO NA PÓS-GRADUAÇÃO: AGENCIAMENTOS NA
CONSTRUÇÃO DE SABERES E PRÁTICAS NA ORIENTAÇÃO EM RODA
COM MULHERES NA ÁREA DA SAÚDE**

MARIA LUISA JIMENEZ JIMENEZ¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3234-867X>
malujjimenez@ufrj.br

KATHLEEN TERESA DA CRUZ²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9847-3281>
cruz.ufrj.macaee@gmail.com

MARIA PAULA CERQUEIRA GOMES³

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5811-3302>
paulacerqueiraufrj@gmail.com

¹ Professora pesquisadora doutora em Cultura Contemporânea. Desenvolve pesquisa financiada pelo CNPQ no pós-doutorado pelo Pós-Graduação EICOS em Psicossociologia na UFRJ, com o projeto “Obesidade: o estigma da gordofobia em saúde.” Presidente do Instituto Diversas. Coordena o Grupo de Pesquisa e Ação Pesquisa Gorda. Professora de pós-graduação em Diversidade e Inclusão em gestão na PUC-Minas e na Pós em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina – UEL. Belo Horizonte (MG), Brasil.

² Professora na Faculdade de Medicina na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, doutora em Medicina pela UFRJ. Professora da Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – EICOS – linha 3 - Psicossociologia da saúde e comunidades. Macaé (RJ), Brasil.

³ Professora Titular do departamento de psiquiatria e medicina legal da UFRJ. Doutora em Psiquiatria, Psicanálise e Saúde Mental pela UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Professora da Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – EICOS – linha 3 - Psicossociologia da saúde e comunidades. Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

RESUMO: O presente artigo aborda a construção de conhecimento a partir da perspectiva rizomática em Deleuze e Guattari, que se opõe à ideia fragmentada e hierarquizada de produção de saberes. É importante destacar como a formação acadêmica ainda é influenciada por referências masculinas, o que impacta na construção de conceitos e na hierarquização do conhecimento. A partir de registros cartográficos, com as experiências de professoras orientadoras de um Programa de Pós-graduação em saúde em psicossociologia, propõe-se uma abordagem que valorize saberes locais e dissidentes, em que o cuidado de si e das relações de orientação seja uma parceria de encontros, escuta e afetos. A prática docente na pós-graduação é uma experiência solitária, exigindo muitos encontros entre orientadora e orientanda. O desafio de repensar e reconfigurar a prática docente, rompendo com o modelo hegemônico, hierárquico na construção de conhecimento coletivamente, é uma tarefa que exige criatividade e coragem. É preciso superar as dificuldades impostas por instituições patriarcais e ultrapassar a ideia de liderança centralizada. A construção de conhecimento em coletivo, com autonomia e respeito às diferenças, é fundamental para a criação de mundos possíveis e a reinvenção da subjetividade. É importante valorizar as corpas como fonte de pensamento e experimentação, rompendo com o pensamento fixo e abrindo espaço para a experimentação. O cuidado de si e das relações é essencial para a construção de novas formas de subjetividade, que promovam o cuidado mútuo e a construção de saberes decoloniais e antirracistas.

Palavras-chave: educação em saúde, pós-graduação, mulheres, prática docente, conhecimento

THOUGHT-BODY IN POSTGRADUATION: AGENCIES IN THE CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE AND PRACTICES IN CIRCLE GUIDANCE WITH WOMEN IN THE HEALTH FIELD

ABSTRACT: This article addresses for construction of a knowledge finds laid out in rhizomatic perspective of Deleuze and Guattari, which opposes the fragmented and hierarchical idea of knowledge production. It is important to highlight how academic training is still influenced by male references, which impacts the construction of concepts and the hierarchization of knowledge. This is a cartographic study based on experiences of female advisor professors from a Postgraduate Health Program in psychosociology. In this role is proposed a manage work approach with local values and dissident knowledge, in which self-care and guidance relationships are a partnership of meetings, listening and affection. Postgraduate teaching practice is a solitary experience, requiring many meetings between supervisor and student. The challenge of rethinking and reconfiguring teaching practice, breaking with the hegemonic, hierarchical model in the construction of knowledge collectively, is a task that requires creativity and courage. It is necessary to overcome the difficulties imposed by patriarchal institutions and overcome the idea of centralized leadership. The construction of knowledge in collective, with autonomy and respect for differences, is fundamental for the creation of possible new worlds and the reinvention of subjectivity. It is important to value the feeling in female bodies as a source of thought and experimentation, breaking with traditional thinking and opening space for new ways for guidance in teaching practice. The taking care of yourself and of relationships are essential for the construction of new forms of subjectivity, which promote mutual care and the construction of decolonial and anti-racist knowledge.

Keywords: health education, postgraduate, women, teaching practice, knowledge

CUERPA-PENSAMIENTO EN EL POSTGRADO: AGENCIAMIENTOS EN LA CONSTRUCCIÓN DE CONOCIMIENTOS Y PRÁCTICAS EN LA ORIENTACIÓN EN CHARLAS CON MUJERES EN EL ÁMBITO DE LA SALUD

RESUMEN: Este artículo aborda la construcción de conocimiento desde la perspectiva rizomática en Deleuze y Guattari, que se opone a la idea fragmentada y jerárquica de producción de conocimiento. Es importante resaltar cómo la formación académica aún está influenciada por referentes masculinos, lo que impacta en la construcción de conceptos y la jerarquización de conocimientos. A partir de registros cartográficos, con las experiencias de docentes mentores en un Programa de Posgrado en Salud en psicología, se propone un enfoque que valora saberes locales y disidentes, en los que las relaciones de autocuidado y orientación son una alianza de encuentros, escuchas y afectos. La práctica docente de posgrado es una experiencia solitaria que requiere muchas reuniones entre supervisor y estudiante. El desafío de repensar y reconfigurar la práctica docente, rompiendo con el modelo hegemónico y jerárquico en la construcción colectiva del conocimiento, es una tarea que requiere creatividad y valentía. Es necesario superar las dificultades que imponen las instituciones patriarcales y superar la idea de liderazgo centralizado. La construcción de conocimiento colectivo, con autonomía y respeto a las diferencias, es fundamental para la creación de mundos posibles y la reinención de la subjetividad. Es importante valorar las cuerpas como fuente de pensamiento y experimentación, rompiendo con el pensamiento fijo y abriendo espacio a la experimentación. El cuidado de uno mismo y de las relaciones es fundamental para la construcción de nuevas formas de subjetividad, que promuevan el cuidado mutuo y la construcción de saberes decoloniales y antirracistas.

Palabras clave: educación en salud, posgrado, mujeres, práctica docente, conocimiento

INTRODUÇÃO

A prática docente na pós-graduação quase sempre é uma prática solitária e de experimentações, já que cada pessoa, pesquisa, sala de aula, lugar, encontro tem suas singularidades, desafios e conexões. Na pós-graduação, isso se potencializa, haja visto a multiplicidade de temas e intensidades que atravessam as relações com cada orientação, demandando muitos encontros ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Relações que são fortemente atravessadas pelas histórias de vida e condições subjetivas e objetivas de cada discente, com suas expectativas, habilidades, demandas, junto a suas histórias e expectativas docentes. Mas também pelas pressões institucionais que as métricas avaliativas da CAPES impõem aos PPG. Nas universidades federais brasileiras, à essas atividades docentes, somam-se as atividades de ensino na graduação, as atividades de gestão administrativas e pedagógicas da graduação e pós-graduação, a coordenação e/ou participação de projetos de pesquisa e de extensão, a participação de comissões pedagógicas e administrativas, a participação de bancas de avaliação de concursos, elaboração de projetos, relatórios técnicos, produções científicas (artigos e livros) e a contínua necessidade de formação docente, entre outras, evidenciando uma grande complexidade do agir docente do ensino superior.

Em dupla nos pareceu menos solitário, mas ainda assim tivemos muitos desafios, reflexões e aprendizados quando juntas começamos a orientar um grupo de mulheres de uma pós-graduação em psicossociologia. Não combinamos, mas quando vimos, o grupo era composto por mulheres¹ de diferentes lugares, formações, temas e preocupações. Um grupo muito diverso, mas atravessado por um sentimento comum de desconforto vividos nas experiências institucionais anteriores e atuais na universidade, relacionado a uma percepção de que esse espaço da produção de saberes não foi feito para mulheres, nos uniu e nos fez revolucionar o que pensávamos sobre a pesquisa e a docência.

Ali juntas estávamos sendo (re)existências, cada uma com seus interesses, culturas e preocupações, mas em algum ponto éramos ali, naquela coletiva impulsionadas a contar e se apoiar com escuta, e como a percepção de quanto era difícil sobreviver na academia sendo mulher, aparecia com muita frequência em nossas falas. Nossas discussões também perpassam sobre uma injustiça epistemológica, na qual a mulher é considerada menos produtora de saberes e conhecimentos válidos. São os homens brancos cisheteronormativos que têm maiores oportunidades para ocupar o lugar de fazer ciência, impulsionados pelos seus privilégios que implicam em serem mais ouvidos, menos interrompidos e questionados, disporem de mais tempo e de serem naturalmente considerados adequados a essa atividade laboral, e portarem as pautas naturalmente apropriadas.

Nesse sentido, relatamos nossa vivência, na qual éramos duas professoras responsáveis pela orientação, preocupadas em romper aquela forma de fazer colonial, decolonizando nossa prática “pedagógica” no apoio para que as alunas desenvolvessem suas pesquisas, que apesar de todas, de alguma maneira pesquisarem mulheres, eram de interseccionalidades e realidades distintas das nossas.

Desejamos experienciar outras formas de orientar, que não fosse a que ensina na repetição, na assimetria, e que se preocupa apenas com a aquisição de um capital científico e como uma formação científica. Apostamos em uma construção processual e comprometida com a produção de mais vida em cada uma envolvida, e com formação pedagógica das pesquisadoras, algumas já docentes. Propusemos algo diferente: a provocação para construção de saberes, autonomia na pesquisa e escrita. Como nos sugere Deleuze e Guattari (1997), é nos agenciamentos dos encontros e nas construções rizomáticas que percorremos, que vamos nos encontrando e desencontrando dentro do fazer pesquisa: o acontecimento.

¹ Entendemos categoria mulher, como marcador político que abrange muitas facetas e construções sociais do que significa ser mulher não universalizante, percebemos esse marcador como construção performática numa concepção interseccional do que significa ser mulher no mundo e suas construções sociais em uma sociedade construída e sustentada por sistemas cisheteronormativos coloniais.

Durante os anos de 2022 e 2023, estivemos vivenciando a orientação pelos afectos², encontros e escutas sobre a vivência entre mulheres e para mulheres na orientação de pesquisas cartográficas e escrevivências³, que nos desafiaram a fazer ciência com elas e não para elas.

Este trabalho agencia através dos filósofos Deleuze e Guattari diálogos para uma proposta de educação, que foca nas singularidades pela diversidade, dando sentido a importância encontrada nos fatos e aos acontecimentos, como forma de transpassar o que se é posto. Existe na filosofia proposta pelos autores uma atenção aos detalhes que vão se construindo no aqui e agora, dessa maneira se rompe a ideia/entendimento que temos em nossas formações de universalidade dos conceitos como verdades absolutas.

Dessa maneira, propomos trazer para essa leitura nossas vivências, acertos, equívocos, inseguranças e experimentações do que significa entender os atravessamentos da lógica colonialista heteronormativa na orientação com mulheres na pós-graduação, e propor uma nova maneira de construir conhecimento e formação em pesquisa. Ou seja, não temos o objetivo de trazer respostas, mas de pôr luz a reflexões para uma nova maneira de ver e entender o fazer ciência e estar na universidade/vida com as corpas⁴-pensamento.

PRÁTICA DOCENTE: CORPA-PENSAMENTO

Revisitar e reconfigurar a prática docente como nos é ensinado desde muito cedo nas Instituições de ensino, requer fôlego e criatividade, romper com o lógico, e propor relações horizontais, que não sejam hierárquicas e se construa conhecimento em coletivo tem sido nosso maior desafio.

Além de nossas dificuldades em reconstruir o instituído, as orientandas também chegavam com essa ideia de liderança alicerçada, de que estávamos ali para estipular os caminhos, e então elas seguiriam “as ordens estipuladas por nós”, não existia, e talvez agora já exista, mesmo que timidamente a elaboração da ideia de coletivo, de construção em conjunto, e principalmente na autonomia da construção do conhecimento, como acontecimento de cada uma nas suas pesquisas que se encontram rizomaticamente⁵ e se desencontram nos fluxos do corpa-pensamento.

O acontecimento entendido como encontro com sua própria corpa como pensamento faz referência ao que Lazzarato (2006) apresenta em uma discussão ontológica ao colocar o “acontecimento” como ponto focal de invenção social, de criação de mundos possíveis, defendendo assim, o processo de experimentação e criação. O caráter imprevisível e arriscado do acontecimento é ressaltado, e o exemplo do acontecimento político são os movimentos de Seattle em 1999. Através desta refundação ontológica, trata-se de refutar a “filosofia do sujeito”, atribuída a autores como Kant, Hegel e Marx, em favor da “filosofia da diferença”, cuja genealogia que passa por Leibniz, Tarde, Bergson, Deleuze e Guattari. “Acontecimen-tos, não mais essências: a ruptura é radical.” (Lazzarato, 2006, p. 54).

O ato de criação sendo uma singularidade, uma diferença, uma criação de possibilidades, deve ser distinguido de seu processo de efetuação (de repetição e propagação pela imitação) que faz dessa diferença uma quantidade social. A efetuação ou propagação da invenção através da imitação expressa a dimensão corporal do acontecimento, sua realização nos agenciamentos espaço-temporais concretos (Lazzarato, 2006, p.45).

² Afectados, Afeção remete a um estado do corpo afetado e implica a presença do corpo afetante, ao passo que o afeto remete à transição de um estado a outro, tendo em conta variação correlativa dos corpos afetantes (DELEUZE, 2002, p. 56).

³ conceito desenvolvido por Conceição Evaristo.

⁴ Optamos por utilizar corpa no feminino porque está sendo usada na lógica cuir como ressignificação política de seu significado original, poder subversivo do termo, e de caráter feminista e de linguagem inclusiva, no rompimento do masculino quando estamos nos referindo a mulheres. Sobre o assunto consultar Judith Butler, *linguagem, poder e identidade*. madrid: síntesis. 2004; joan scott. *gênero: uma categoria útil para análise histórica*. new york: columbia university press. 1989.

⁵ Nos referimos ao conceito de rizoma de Deleuze e Guattari, em que entende o conhecimento dentro das relações/encontros, ideias e espaços, a partir de uma perspectiva de fluxos e multiplicidades, que não possui uma raiz ou centro, nem é fixo e imutável.

Nossas corpas trazem a opressão vivenciadas em instituições patriarcais violentas na construção de nossos saberes. Queríamos modificar isso, mas íamos nos percebendo, por repetidas vezes, operando o fazer científico instituído dentro da academia, aquele em que o líder (as orientadoras) que sabe tudo, e os subordinados (as orientandas) o repetem e o vangloriam.

Nossos corpos sabiam muito, mas opinavam pouco por serem desqualificados como interlocutores políticos, não se constituindo, portanto, espaços mais coletivos para compartilhamento dessas sabedorias. O líder a desperdiçava, pois ele era o que já sabia de tudo, que tinha uma rede de informação à mão. Operava com a certeza de seu saber soberano e onipresente no território, e isto produzia seu viés de condução (Cruz, 2016, p. 248).

Entender que não queríamos mais contribuir com essa construção de conhecimento como opressão, é que nos fez trazer nossas corpas em primeiro plano e começar a experimentar a corpa que traz pensamento, que constrói saberes.

Sentimos a necessidade de experienciar naqueles encontros acontecimentos com aquelas mulheres pesquisadoras na área da saúde, a construção de trocas por afectos. Parar para pensarmos sobre essas relações/encontros em que era central e especial para nossa orientação acabou exigindo uma olhada mais profunda nas nossas ações como professoras doutoras. “Pensar é sempre experimentar, não interpretar, mas experimentar, e a experimentação é sempre o atual, o nascente, o novo, o que está em vias de se fazer.” (Deleuze, 1992, p.13). Para o filósofo o pensamento vem do que está fora e a ele retorna, o que importa é que o pensamento está em constante movimento. Essa foi nossa inspiração.

Renunciar ao pensamento fixo e deixar fluir para outro lugar que não seja aquele que aprendemos e ensinamos em nossa formação como professoras, é enfrentar a dificuldade em romper com um padrão instituído de pensamento, com ideais de valores eternos e verdades universais que bloqueiam e impossibilitam a construção do movimento do pensamento na corpa. Ou seja, precisamos fechar os olhos e sentirmos a corpa como aquela que produz o pensar, cada gesto, veia, sangue e suor, sentimento, dor, vulnerabilidade, alegria nos fornece pensamento, e é nesse movimento que estamos interessadas.

Essas discentes em sua maioria chegam desesperadas, inseguras, sentindo o peso de uma cobrança social na construção de uma pesquisa que seja aprovada pelo corpo docente,

Qualquer pessoa que já tenha levado a sério a realização de uma pesquisa, em algum momento se sentiu confusa, perdida e sem esperança. Não é fácil. Não é fácil criar as conexões entre a vida e toda a teoria, a vida e a fragmentação da análise acadêmica, o olhar formatado. Todo o esforço de síntese, sem a vida, fica muito penoso, e a dificuldade em criar algum sentido para tudo isso é imensa. Muitas vezes, logra-se em determinar o objeto da pesquisa, delimitar um problema, selecionar uma fundamentação teórica com a qual dialogar e determinar objetivos, mas o grande sofrimento está em descobrir ou inventar um modo de fazer a pesquisa acontecer (Aspis, 2021, pg. 35).

Em nossa coletiva, nas rodas de conversas, toda vez que alguma das mulheres expõem suas dores, afectos, toda coletiva é afectada por aquela corpa. Ela que fala, gestua, chora, que pelo seu tom de voz ora alegre, ora triste, embargada, emocionada, colocam no mundo suas dores, e faz reverberar em cada uma de nós. Encontros que fazem com que cada uma que ouve e presencia esses viveres narrados e sentidos, também traga as suas contribuições para aquela corpa pensante, que coloca sua corpa-pensamento no encontro⁶: “(...) afinal, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder.” (Foucault, 1987, p. 180).

Ali se constrói reinvenções de nossos modos aprendidos nas relações e na universalidade na construção de saberes e práticas daquelas corpas se afectando. Acolher aqueles encontros, às vezes indigestos, efetivamente era olhar para as implicações desses encontros com um olhar preocupado e ao

⁶ No sentido de Spinoza, na qual implica uma prática, uma experimentação de maneiras de nos deixarmos contagiar pelos encontros.

mesmo tempo criativo que iam se estendendo para outras dimensões das nossas vidas, pesquisas criando elos de afectos internos em suas vulnerabilidades como potência daquele encontro.

Não é fácil, nem tranquilo o que estamos propondo, já que existe toda uma implicação nessa forma de aprender em coletivo. Ir contra toda uma corrente de repetição construída em nossa formação não é fácil, porque a ideia nunca foi nos tornar pensantes e criativas, autônomas na construção de nossos saberes. Pelo contrário, mas à medida que vamos avançando nesse entendimento da autonomia, vamos experimentando outras formas possíveis de viver, estar, sentir e construir pensamento no que somos e podemos construir, nossas potências e revoluções.

Também entendemos que todo esse processo está dentro de uma ideia do “cuidado de si” (Foucault, 2006), é cuidar de nossas relações, encontros e redes de construção de saberes que vamos construindo em nossa trajetória de professoras pesquisadoras. É em nossos processos formativos que vamos constituindo essa experiência diferente, de como nos foi apresentado, vamos trazendo na prática do que significa ensinar, a constituição da própria discente, pesquisadora como sujeita da experiência da própria vida, da sujeita na qual constrói autonomia como uma vivência política, ética em que coloca como questão sua própria existência. “[...] o problema político, ético, social e filosófico de nossos dias não é o de tentar libertar o indivíduo do Estado e das instituições estatais, mas de nos libertar tanto do Estado quanto do tipo de individualização que está vinculado a ele. Precisamos promover novas formas de subjetividade através da recusa desse tipo de individualidade que tem sido imposta a nós há vários séculos” (Foucault, 1983, p. 216).

Essas trocas focadas no “cuidado em si” também trazem para nossas formações, tanto para as professoras como para as pós-graduandas, as trocas e pensamentos pelas corpos que sentem que é preciso construir esse cuidado. Esse é responsável por alavancar deslocamentos imprescindíveis na produção da relação com a outra e consigo mesma, na produção de conhecimento que coloca a “roda de mulheres” como encontro capaz de construir confiança, na roda e na escuta, bem como na fala. Cada uma que participa vai construindo um território seguro para que a outra possa se expressar. Vão se construindo vínculos, rompendo medos e traumas que sempre nos acompanharam nesse lugar acadêmico, no lugar da criação e da construção de pensamento.

O importante é que estamos rompendo com o pré-estabelecido que nos faz tão mal. Nossos incômodos pela primeira vez, depois de muitos anos dentro da academia, estão reverberando numa proposta de rompimento de paradigma na construção de saberes construídos por nossas corpos-pensamento.

Ou seja, a proposta é construir uma produção teórica de um feminismo antirracista e decolonial como aposta na construção de epistemologias contra hegemônicas que proponham novas maneiras menos violentas de ser, compor e estar no mundo (Spinoza, 2014).

ORIENTAÇÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO: DESCONSTRUINDO CONHECIMENTO, CONSTRUINDO CARTOGRAFIAS

Todo conhecimento construído em nossa história se elabora na interpretação da realidade e é implicado numa busca incessante pela verdade. Se fez um acúmulo de saberes através da interpretação humana dando origem a ideia metafórica da árvore do saber, uma hierarquia de todo acúmulo de conhecimento construído que surge apenas de um tronco a grande, a velha árvore do conhecimento, ensinada dessa maneira nas inúmeras salas de aula (Gallo, 2008).

Essa forma de entender a construção do conhecimento, como ele se estrutura, nos mostra como a produção de conhecimento é entendida como fixa, mecânica, desde o século XVI, paradigma construído na modernidade clássica, com René Descartes. Ainda hoje, entendemos que o conhecimento se constrói de forma fragmentada, encaixotada, dividida e hierarquizada.

A partir desse entendimento, entende-se as origens desse olhar disciplinar que temos sobre a educação e que reproduzimos na construção de conhecimento dentro dos espaços de formação em nossas escolas e universidades.

Utilizamos o pensamento de Deleuze e Guattari exatamente porque rompem com essa ideia fragmentada de construção de conhecimento, não existe apenas uma base que sustenta o conhecimento,

já que a estrutura do conhecimento assume forma fascicular, em que não existem ramificações porque existem construções de conhecimentos que originam de qualquer parte e se dirigem para infinitos lugares. Processo este nomeado de rizoma, conceito que surge desse entendimento, em divergência ao entendimento positivista do que é conhecimento.

Ao contrário da lógica binária de aprender e ensinar, a visão rizomática não estabelece começo nem fim, é na multiplicidade que surgem caminhos independentes, maneiras inventadas e reinventadas de construir realidades e que sempre podem ser desconstruídas e reconstruídas novamente.

A cartografia vem nos mostrar que os rizomas não são modelados ou modeláveis, não seguem estruturas, eles são e estão sempre incompletos. Deleuze e Guattari falam de mapas que podem nos orientar o caminho, mas sempre será preciso traçar novos caminhos, eles manifestam algo que está por vir, devir. Porque os mapas devem e podem sempre ser revistos, ressignificados, re-mapeados, para os autores não existem cópias, e sim releituras, recriações a partir do que já foi criado.

A cartografia é um método de investigação que não busca desvelar o que já estaria dado como natureza ou realidade preexistente. Partimos do pressuposto de que o ato de conhecer é criador da realidade, o que coloca em questão o paradigma da re-presentação. Como já atestaram Maturana e Varela (1990, p. 21), “todo ato de conhecer traz um mundo às mãos, [...] todo fazer é conhecer, todo conhecer é fazer”. Ter um mundo às mãos é comprometer-se ética e politicamente no ato do conhecimento. É intervir sobre a realidade. É transformá-la para conhecê-la. Há uma dimensão da realidade em que ela se apresenta como processo de criação, como poiesis, o que faz com que, em um mesmo movimento, conhecê-la seja participar de seu processo de construção (Barros & Kastrup, 2012, p. 264).

Essa forma de conceber nossa relação com os saberes trazidos pelas mulheres em roda contribui para relações com outras realidades, vivências e territórios que cada uma traz com sua corporeidade, nos ensina a escutar ativamente e entender que não é preciso hierarquizar conhecimentos, e sim ressignificar nossos encontros em acontecimentos.

Entender nosso lugar na orientação na perspectiva rizomática nos faz compreender que existem diversas formas de conhecimento, e que sempre estarão em diálogo umas com as outras dentro de contexto socioculturais. Porque todo conteúdo, discussão dialoga e constrói conexões múltiplas com outros campos do saber.

CORPAS, GÊNERO, RAÇA E AFECTOS

Propor uma roda de orientação preocupadas com a autonomia na construção de saberes, nos fez observar e questionar nossas referências, reconhecê-las como masculinas. Identificar que a maioria de nossas leituras, construções de conceitos, ensinamentos vinham de homens, cisheteronormativos, brancos corporificados no machismo, e que respeitavam, mesmo que velado a hierarquização masculina na construção de nossa formação sobre o conhecimento foi o nosso ponto de partida.

Essa constatação, de que nossa formação acadêmica é masculina precisava ser rompida, ou pelo menos desfeita, para então podermos construir nossos próprios saberes localizados,

Como todas as neuroses, a minha está enraizada no problema da metáfora, isto é, no problema da relação entre corpos e linguagem. Por exemplo, a imagem do movimento em campos de forças no mundo inteiramente textualizado e codificado é a matriz para muitos argumentos sobre a realidade socialmente negociada para o sujeito pós-moderno. Este mundo-como-código é, apenas para iniciantes, um campo militar de alta tecnologia, uma espécie de campo de batalha acadêmico automatizado, no qual flashes de luz chamados jogadores desintegram-se (que metáfora!) uns aos outros, de modo a permanecer no jogo conhecimento e poder (Haraway, 1995, pg.12).

O pensamento que nos foi proposto e construído eram vindos de corpos masculinos, de ideias constituídas a partir de corpos que violavam nossas ideias feministas, porque como mostra a história do conhecimento, seja a área que for, sempre foi construída por homens, avaliada, validade por homens e reverberada por homens.

Dentro de nossos debates isso era exposto, colocado e provocava um mal-estar em todas nós, eram medos e inseguranças que pulsavam das marcas de nossas corpos, já que sempre fomos desde pequenas, advertidas por eles: não grite! Não fale! Feche a perna! feche a boca! Isso não é coisa de mulher! Não queríamos sentir aquele desconforto, mas sentíamos, como nos alerta Anzaldúa:

Em boca cerrada no entran moscas. “Em boca fechada não entra mosca” é um ditado que eu ouvia sempre quando era criança. Ser faladeira era ser uma fofqueira e uma mentirosa, falar demais. Muchachitas bien criadas, garotas bem-comportadas não respondem. É uma falta de respeito responder à mãe ou ao pai. Eu me lembro de um dos pecados que eu tive que contar ao padre no confessionário numa das poucas vezes em que eu fui me confessar: responder à minha mãe, hablar pa’ atrás, repelar. Bocuda, respondona, fofqueira, boca grande, questionadora, leva-e-traz são todos signos para quem é malcriada. Na minha cultura, todas essas palavras são depreciativas se aplicadas a mulheres – eu nunca as ouvi aplicadas a homens (Anzaldúa, 2009, p. 306).

Dessas discussões, em que apareciam depoimentos de como cada uma se sentia diminuída ou insegura nesses espaços acadêmicos de construção de saberes, por outro lado as pesquisas que as mulheres traziam para nossa “orientação” estavam de alguma maneira trazendo novas gramáticas e marcadores que eram preciso revisitar, constituir entre nós saberes sobre corpos, gênero, raça a partir de estudos femininos, e como estávamos sendo afetadas na construção de saberes sobre marcadores estudados e constituídos por mulheres.

Começaram a aparecer autoras na roda: Conceição Evaristo, Fátima Lima, Glória Anzaldúa, Julia Paredes, Donna Haraway, bell hooks, Audre Lorde, Mombaça, Beatriz Nascimento, Guacira Lopes Louro, entre outras... surge com muita força a importância de leituras, e construções intelectuais de, sobre, com e para mulheres.

Dessa necessidade, decidimos escrever um artigo como forma de organizar nossas ideias, entender o que elas iam trazendo para o debate, e como reverberação construímos debates em torno a essa nova maneira de produzir conhecimento e valorizar saberes localizados ali em nossa roda.

Quando apresentamos nossas ideias como «fatos», também nos colocamos na posição de quem sabe o que está afirmando e, de algum modo, estamos oferecendo a quem lê a possibilidade de discordar ou concordar com o que estamos dizendo. Quando «recheamos» nossos textos de questões, provocamos um deslizamento na fonte de autoridade e instigamos ou convidamos o/a leitor/a a formular respostas às indagações feitas. Tudo isso ocorre, também, na linguagem cotidiana e, muito frequentemente, não nos damos conta do que se passa. Quando produzimos relatos de pesquisa e teses, precisamos estar um pouco mais atentas a esses processos. O «tom» de um texto pode encerrar uma discussão ou, em vez disso, provocar polêmica ou dissenso. Isso é bom ou não? Depende. O modo como escrevemos tem tudo a ver com nossas escolhas teóricas e políticas (Louro, 2007, p. 237).

É a partir dos “fatos”, de nossos afectos que estamos construindo nossas pesquisas, rizomaticamente, em que uma atravessa a outra e cai em outro lugar que não era mais aquele que tínhamos tantas certezas quando chegamos no grupo, as escolhas teóricas e políticas foram nos fazendo remapear nossa caminhada na construção de saberes em coletivo. “Quando corpos se encontram em potência, podem descobrir novas habilidades, interesses, resistências e potências nunca experimentadas. A raiva, trauma e medo podem ser ressignificados em luta e reivindicação por um mundo mais justo e libertário” (Jimenez-Jimenez, 2022, p.15).

A escrita também foi compondo saberes construídos em coletiva, por copas-pensamento que estavam preocupadas com questões que nos atravessam, e iam transbordando em texto-pesquisa. Debates sobre conceitos, sentires, palavras, linguagem, corpos, raça, gênero, epistemologias dissidentes, outras formas de compor o conhecer e construir conhecimento no mundo já nos impregna no fazer científico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste texto é despertar provocações a respeito do que significa orientar outras mulheres na construção de fazer pesquisa, escrita e construção de teses, ideias e entendimentos autônomos, e que ao mesmo tempo respeite cada corpa-pensamento no grupo de orientação. Não temos a pretensão de apresentar respostas de como fazer isso, mas trazer experiências vivenciadas por uma dupla parceira de professoras orientadoras de um grupo de mulheres que traz o incômodo acadêmico como saber único como verdade.

A construção de saberes a partir de nossas perspectivas, experiências, raivas, inseguranças e traumas começa a configurar uma nova forma de entender como se compõe o conhecimento, a partir de nossas corpas que se encontram e afetam umas às outras. O cuidar de si como base em estar atentas para não separar vida/pesquisa/escrita foi um elemento que esteve presente em nossa vivência, inclusive como frustração.

Mulheres que se juntam para propor uma nova maneira de construir saberes, produções teóricas feministas antirracistas e decoloniais como estratégia na composição de novas epistemologias, rompendo paradigmas contra hegemônicos, em que se tenha como central a relação entre orientação e orientadas uma parceria de encontros, de escuta e afetos.

No incentivo da autonomia na construção de conhecimentos subalternos, em que pesquisadoras possam localizar seus olhares em suas pesquisas, falas e reflexões sobre si mesmas e o modus operandi da academia.

Assim, esperamos estar em desconstrução de um entendimento de conhecimento único e estático, de hierarquizar relações que buscam contribuir com uma ciência mais humana e igualitária.

É na construção dos encontros, da autonomia e de uma construção epistemológica preocupada em construir rompimentos de paradigmas dentro dessas relações coloniais, de repetição, de saber único, racistas, machistas que não mais queremos estar inseridas, ou pelo menos constituídas na hora de fazer pesquisa e construir saberes.

Desta forma, acreditamos que esse texto, a partir de nossas experiências, possa contribuir para um debate sobre a educação na pós-graduação a partir de outras formas e maneiras de entender como se constrói conhecimentos localizados e dissidentes.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. *COMO DOMAR UMA LÍNGUA SELVAGEM*, Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa, no 39, p. 297-309, 2009.

ASPIS, Renata Lima. *Fazer filosofia com o corpo na rua: experimentações em pesquisa*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

BARROS, Laura Pozzana., & KASTRUP, Virginia. *Cartografar é acompanhar processos*. In Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

CRUZ, Kathleen Tereza da. *Agires militantes, produção de territórios e os modos de governar*. conversações sobre o governo de si e dos outros. Porto Alegre: Rede Unida, 2016.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34. 7ª ed. 1992, p. 151 a 168.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. 1ª ed., Rio de Janeiro, Editora 34, vol. 1., 1995.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Felix. *O que é filosofia?* 2ª ed., São Paulo, Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Espinoza: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

ESPINOSA, Baruch. Spinoza. *Ética*. 2ª edição. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008

FOUCAULT, Michel. *The subject and power*. In: Dreyfus, H.; Rabinow, P. Michel Foucault: beyond structuralism and hermeneutics. 2ª ed. com posfácio inédito dos autores e entrevista de Michel Foucault. Chicago: The University of Chicago Press, 1983. p. 208-226. (tradução nossa).

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense, 1987.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981- 1982)*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GALLO, Silvio. *Deleuze e a Educação*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HARAWAY, Donna. *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. Cadernos Pagu. Campinas/SP, 1995, p. 7-41.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. *Lute como uma gorda*. São Paulo: Jandaíra, 2022.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. *FILOSOFIA GORDA: POR EPISTEMOLOGIAS ENGORDURADAS*. In: Anais da Pesquisa Gorda: ativismo, estudo e arte. Anais. Rio de Janeiro (RJ) UFRJ, 2022. Disponível em: <https://www.event3.com.br/anais/congressopesquisagorda2022/510863-FILOSOFIA-GORDA--POR-EPISTEMOLOGIAS-ENGORDURADAS>

LAZZARATO, Maurizio. *As revoluções do capitalismo: A política no império*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. *CONHECER, PESQUISAR, ESCREVER...* Revista Educação, Sociedade e Cultura, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRG, n.25, 2007.

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS

Autora 1 – Coordenadora do projeto, participação ativa na análise dos dados e revisão da escrita final.

Autora 2 – Coleta de dados, análise dos dados e escrita do texto.

Autora 3 - Análise dos dados e escrita do texto

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.